

PINGA-FOGO

■ **SAI GIGANTE** - O papel de articulação do Rio no debate das dívidas dos estados começou no Cosud, realizado na capital fluminense e teve o governador Cláudio Castro como anfitrião. Ele sai deste projeto como um gigante e o seu corpo a corpo no plenário o coloca como um líder nacional.

■ **SAI PEQUENO** - O deputado federal do PSOL do Rio, Glauber Braga, votou contra o Propag. Ele fala tanto em defender os servidores e não teve medo de colocar em risco o salário do funcionalismo.

■ **HELLO** - É para colocar a oreilha da classe política em pé. A operação da PF na Bahia teve ajuda da agência norte-americana. Pela primeira vez, a Polícia Federal assume em nota a cooperação gringa.

■ **NOVO ALVO** - O que tem de gente no MDB trocando de celular, doando computadores e apagando qualquer rastro comprometedor está fora do gíbi. Brasília vive em clima de expectativa e apreensão.

■ **FÓRUM DOS GOVERNADORES** - Durante a XVI Reunião do Fórum Nacional de Governadores, em Brasília, nesta terça (10), o governador do Rio, Cláudio Castro, criticou a narrativa de criminalização de policiais e destacou a necessidade de se debater a proposta apresentada pelo Governo Federal. Também reforçou a necessidade de mudanças na legislação e relatou preocupações com relação aos conflitos de competência entre Estado e União. “É preciso destacar que estamos vivendo um momento de criminalização das polícias, que atuam para proteger a população. Mas começar a criminalizar a polícia é entregar a chave para a bandidagem, enquanto temos uma legislação que é convidativa à criminalidade. É quase impossível fazer segurança pública com a legislação que temos hoje. Me preocupa que, com a PEC da Segurança, tenhamos que lidar com situações onde possam ocorrer conflitos de competência. Então, é necessário debatermos para que os ajustes sejam feitos”, pontuou Cláudio Castro.

■ **MULHERES NO TCU** - O novo presidente do Tribunal de Contas da União, Vital do Rego Filho, deverá manter na sua diretoria boa parte do quadro anterior, que estava na gestão de Bruno Dantas, que deixa a presidência. Vital do Rego toma posse nesta quarta-feira (11). Um dos pontos que tanto Vital quanto Bruno Dantas destacam é a presença feminina nos postos de direção. Ambos destacaram o percentual de mulheres na direção. Segundo Bruno Dantas, 75% do quadro de servidores do TCU é composto por homens. Mas, na direção, 35% dos cargos serão ocupados por mulheres.



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

Operação Overclean pega o “rei do lixo soteropolitano” e revela um mar de negócios confusos envolvendo o Palácio Tomé de Souza

Por Cláudio Magnavita *

O Correio da Manhã tem denunciado os bastidores de negócios envolvendo a Prefeitura de Salvador, inclusive a não explicada negociação de um crédito contra a cidade que pertencia à Construtora Norberto Odebrecht e à Paraguaçu.

O cenário de impunidade com o silêncio de parte da imprensa baiana tem levado alguns personagens a perderem o pudor nas articulações que miram os cofres públicos.

■ Salvador acordou neste dia 10 de dezembro com a alvorada contra a impunidade e a prisão de José Marcos Moura, mais conhecido como “Rei do Lixo”, apontado pelo es-

pecialista em corrupção Geddel Vieira como o “grande financiador e articulador financeiro dos projetos do Netto”, destacou.

■ Marcos Moura foi preso nesta terça-feira (10) durante a Operação Overclean, da Polícia Federal, e a sua empresa tem uma parcela da coleta do lixo soteropolitano, na gestão de ACM Neto e de Bruno Reis.

■ A imagem de gestão impoluta da Prefeitura de Salvador envolve também os contratos milionários para as estruturas de shows e contratação de empresas que possuem a mesma relação íntima com o lixo de Marcos Moura, mais conhecido como “Rei do Lixo”, apontado pelo es-

pecialista em corrupção Geddel Vieira como o “grande financiador e articulador financeiro dos projetos do Netto”, destacou.

beçados por Marcelo Odebrecht. A denúncia da existência de um negócio obscuro da venda de R\$ 850 milhões de créditos da Odebrecht contra a Prefeitura de Salvador e agora a Operação Overclean, envolvendo políticos e empresários que se consideravam acima da lei.

■ O Correio da Manhã tem se debruçado sobre estes assuntos e nas nossas apurações chovem denúncias e documentos de temas que precisam ser explicados e que estão sendo apurados com rigor. Entre eles está um movimento atípico da Prefeitura de Candeias na criação da Companhia Docas de Candeias, que leva o município a ser protagonista e agente de negócios portuários. Aliás, nesta área portuária envolvendo Candeias

e o Porto de Aratu surge a questão de renúncias de direitos sobre áreas da União, sem ouvir a SPU e o MPF, de formas muitos céleres feitas por dirigentes públicos que deveriam zelar pelo patrimônio federal. Nesta relação de temas que estão sendo investigados pela mídia independente, está a indústria de desapropriação de terrenos para serem vendidos nas bacias das almas e ainda a venda de áreas públicas para empreendimentos imobiliários.

■ O mês de dezembro está sendo histórico. A lavagem do Bonfim, que ocorrerá em 16 de janeiro de 2025, parece ter sido antecipada para os baianos.

*Diretor de Redação do Correio da Manhã

Ato de cidadania da hotelaria

O Sindicato Patronal dos Meios de Hospedagem do Município - HotéisRIO, por meio de seu Fórum de Recursos Humanos, realizou nesta terça-feira (10), a primeira edição de um importante evento de empregabilidade dedicado a oferecer oportunidades de trabalho no setor hoteleiro para pessoas com deficiência. A hotelaria disponibilizou mais de 400 vagas na cidade do Rio de Janeiro na feira, que contou



Mais de vinte alunos do Instituto Benjamin Constant estiveram presentes nesta terça-feira, dia 10, no evento

com mais de 70 inscritos.

Idealizado pelo Copacabana Palace, o evento aconteceu no foyer do teatro do hotel. A iniciativa teve a

parceria do Copacabana Palace e do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE).

Profissionais de RH e DP de em-

preendimentos associados ao HotéisRIO tiveram a oportunidade de participar de uma palestra exclusiva e gratuita, ministrada pelos especialistas do CIEE, sobre ‘Como a diversidade e a inclusão impulsionam resultados do setor hoteleiro’.

As principais redes de hotéis da capital estiveram presentes, representadas por seus gestores de Recursos Humanos, responsáveis pelo recrutamento de talentos de pessoas com deficiência.

O HotéisRIO disponibilizará os currículos em seu banco de oportunidades onde os hotéis poderão buscar esses profissionais.

Balanco dos 5 estrelas cariocas

Ainda nesta terça-feira (10), os diretores e gerentes gerais dos hotéis cinco estrelas do Rio de Janeiro, se reuniram, no Copacabana Palace, para o tradicional encontro mensal. Na ocasião, os presentes apresentaram o balanço anual da hotelaria.



Gerard Bourgeaiseau, Marcela Grille, Theresa Jansen e José Domingo Bouzon (ABIH-RJ)



José Domingo Bouzon, Gerard Bourgeaiseau, Alexandre Esmeraldo, Jorge Chaves e Netto Moreira



Sintia Gomes (Sheraton) e Marcela Grille (Windsor)



Último encontro mensal contou com balanço anual do setor, no Copacabana Palace



Gerard Bourgeaiseau, José Domingo Bouzon, Alfredo Lopes e Jorge Chaves



Alfredo Lopes (HotéisRIO), Alexandra Bueno (Grand Hyatt), Marcela Grille e Ulisses Marreiros (Copa)

Fernando Molica

A teimosia que não para de matar inocentes

Polícia é para garantir a segurança da sociedade, não para criar e repetir situações que levem à morte de cidadãos como a contadora Alessa Brasil Vitorino e a médica Gisele Mendes de Souza e Mello, capitão de mar e guerra da Marinha.

Ambas foram baleadas em meio a mais uma rodada das intermináveis e inúteis operações da polícia fluminense. Só em favelas do Complexo da Maré, onde Alessa, de 30 anos, morreu, houve, nos 11 primeiros meses do ano, 60 incursões policiais, uma a cada 5,5 dias. No Complexo do Lins, que cerca o Hospital Naval Marclício Dias, onde Gisele foi alvejada, houve 11 operações, uma por mês.

Dezenas de pessoas foram mortas — inocentes, policiais e bandidos —, escolas tiveram que ser fechadas por cerca de 30

dias, a circulação em vias expressas ficou interrompida, houve pânico generalizado, o atendimento em postos de saúde foi suspenso.

Mas criminosos continuam a dominar essas favelas, não deixaram de receber drogas, armas e munição. Enquanto a polícia se concentra na repressão ao varejo, as organizações criminosas agem como grandes empresas, movimentam uma quantidade inimaginável de recursos, espalham-se pelo país, operam sofisticados mecanismos de lavagem de dinheiro, corrompem agentes do Estado, não apenas policiais.

A insistência num modelo de atuação focada na ponta — e isso acontece em todo o país — revela a opção preferencial pela pirotecnia, pelo discurso fácil do combate sem tréguas à criminalidade.

Uma falácia apoiada até por falsas versões da medida do Supremo Tribunal Federal limitou operações em favelas fluminenses que, em tese, só podem ocorrer em casos excepcionais. Em outubro passado ocorreram 111 dessas incursões, 3,5 por dia; em novembro — mês do G20, quando a segurança foi reforçada por tropas federais — 54 (1,8 por dia).

No caso da operação da Maré, a polícia usou de novo o argumento de que bandidos estariam matando inocentes para colocar a opinião pública contra o Estado. É difícil saber como se chegou a essa conclusão, mas não se pode exigir ética de criminosos. Não dá pra fazer um trato com traficantes e milicianos, estabelecer o que pode e o que não pode.

Cabe ao Estado prever as situações de risco, e tratar de evitá-las, de minimi-

zá-las. Não é normal que policiais entrem todos os dias em locais densamente povoados para enfrentar bandidos armados de fuzis e metralhadoras. Isso é algo complicado até em situações de guerra contra um país inimigo.

Não se trata de propor o imobilismo, a rendição. Mas é preciso que o poder público reconheça que perdeu essa disputa, que há décadas investe num modelo que não dá certo. As polícias receberam armamento de guerra, carros blindados foram incorporados às suas frotas, houve alguma melhoria salarial — e as organizações criminosas prosperaram como nunca.

O crime ameaça o país institucional. Não é razoável que policiais se sintam livres para matar, como na Bahia, em São Paulo e em tantos estados; não se pode

admitir que as vias de acesso ao principal aeroporto do Rio, capital do nosso turismo, sejam áreas de risco; o país não é a Síria, não está em guerra.

Não adianta cercar as favelas do Lins, colocar tanques da Marinha por lá. É preciso implantar uma política de segurança voltada para os cidadãos (as UPPs mostraram que isso é possível), buscar uma radical redução de danos, interromper o fluxo de armas e de munição, punir policiais e agentes públicos comprados pelo crime e seguir o dinheiro sujo que move toda essa engrenagem.

E, principalmente, é fundamental gerar esperança concreta para tantos jovens que, ainda muito cedo, partem para o desespero, para o crime, e muitas vezes, acabam com tantas vidas — inclusive com as deles.